



Qual é o lugar que a máquina ocupa na história?

Com a máquina começa para a humanidade uma outra história. Com ela se inaugura uma forma de produção da riqueza absolutamente revolucionária e, portanto, subversiva, capaz de gerar permanentes convulsões sociais. Ela foi vista como o instrumento de trabalho que continha uma potência produtiva ilimitada. Foi esta a imagem que a Revolução Industrial criou. Esta capacidade produtiva ilimitada criou, logo de início, turbulências sociais ao reduzir os trabalhadores, aqueles que punham em movimento esse instrumento, a uma miséria que levou Benjamin Franklin a afirmar que a situação do operário inglês era pior do que a do escravo nos Estados Unidos. Qual a razão dessa miséria se esse instrumento capacitava o trabalhador a produzir, nessa fase inicial, o equivalente ao que produziam antes por volta de cem homens.

Já podemos, neste ponto, tentar uma resposta à pergunta que fizemos inicialmente. Em primeiro lugar, nada do que acontece entre os homens nega a sua natureza social. É por aí que começa o entendimento do que é a sua existência social.

A máquina nasce num momento histórico em que a luta entre forças sociais antagônicas assume uma dimensão revolucionária. Como instrumento de trabalho por excelência, ela ocupa o lugar dos instrumentos que correspondiam ao trabalho servil, portanto ela torna impossível a existência da classe que vivia da servidão. Podemos dizer que o impulso que a torna necessária e realidade concreta nasce do confronto de duas classes e da vitória de uma delas, a que representa o novo mundo que eclode no século XV. Com a decadência que toma conta da sociedade feudal, da luta que se trava a favor das transformações daí decorrentes, vai tomando corpo uma nova forma social. A desagregação, ela própria, gera situações que tornam impraticável perpetuar a decadência. A imagem utilizada por Engels, de que as novas necessidades passam a alargar os poros da sociedade feudal, dá bem a medida da força contida no processo de transformação, a qual é materialmente representada, segundo Bacon, pelas navegações, pela descoberta da pólvora e pela imprensa móvel de Gutenberg.

O que está nascendo é um novo modo pelo qual a vida está tomando posição ativa contra a decadência, isto é, o capitalismo. É exatamente o capitalismo, uma nova forma de relação

¹ Doutor em História pela UNESP, campus de Assis. Professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar.

social, que engendrará novas necessidades cujo ímpeto subverte permanentemente o modo de produzir a vida. São crescentes as exigências de que o trabalho seja potencializado ao máximo afim de propiciar lucros maiores. Estes funcionam como uma das principais motivações para transformações constantes no processo de trabalho. A Divisão do Trabalho, aquela exaltada por Adam Smith, faz parte do caminho que leva ao nascimento da máquina a vapor, pois instrumentos que dependiam dos músculos como força motriz já existiam desde a Antiguidade. Nasce, então, um instrumento de trabalho, que é um divisor de águas de duas épocas históricas marcadas por uma distinção substancial. Tanto para sua criação, quanto para seu aprimoramento motivação primordial se encontra na eficácia da exploração do trabalho.

Duas distintas interpretações sobre o papel das máquinas, a primeira, de Adam Smith, diz que a máquina facilita o trabalho. A segunda, de Marx, diz: nada disso!; a máquina aumenta a exploração do trabalho. E assim pensava não porque condenasse a exploração em termos absolutos, mas históricos, sim. E a intensificação da exploração do trabalho é a maior motivação tanto para sua criação, como para seu aprimoramento.

Certa semelhança existe entre a tragédia de Prometeu, cuja dádiva feita aos homens, o fogo, considerada pelos deuses como uma ameaça ao seu poder, e os efeitos contraditórios que o lucro imprime ao uso da máquina como instrumento de aumento da exploração da classe trabalhadora. A máquina e todo o desenvolvimento tecnocientífico a que ela dá nascimento passam a constituir verdadeira ameaça ao poder e à existência dos detentores do capital, o que os induz a reduzir a produção aos limites impostos a sua sobrevivência. Fundado numa análise que parte, antes, dos interesses da sociedade do que dos interesses dos donos do capital, Thomas Hodgskin, líder operário inglês, revela, em 1827, que o lucro impede a produção que beneficiaria os trabalhadores. É a partir daí que Marx inferirá que as leis próprias da economia capitalista se processam em meio a um torvelinho de contradições e que o capitalismo é um sistema de destruição de riquezas. A quem não ignora a natureza capitalista das duas guerras mundiais, com seus efeitos devastadores de homens e bens, não é estranha a conclusão de Marx. Tanto a destruição sistemática, que está implícita na natureza do capital, quanto as motivações bélicas encontram no lucro, ou melhor, na taxa de lucro, sua explicação em última instância.

Impedir, portanto, a débâcle capitalista que a máquina anuncia muito pouco tempo depois de sua descoberta se converte no fundamento político da organização do Estado burguês, cuja ordem consiste predominantemente em como exercer, e justificar, o domínio de classes. Todas as instituições que consolidam o poder desse Estado têm aí sua razão de existência. Não é a produção, senão da pobreza, que guia suas ações. Aqui se encontra a razão suprema da chamada teoria econômica, que não é nem teoria, nem econômica. Uma única coisa que os economistas sabem, é que sua teoria não passa de uma ideologia historicamente falida. Daí que, ao contrário da ciência econômica, ou seja, a Economia Política, tiveram que apelar

para a religião para justificar a exploração de classe. E a religião, exatamente, passou a ser uma componente, talvez a mais importante, de sua ideologia. E o socialismo, cujos fundamentos são históricos, é irmão gêmeo da Economia Política. Ambos são criatura de uma rebeldia histórica que se opõe à decadência como normalidade da vida. A eclosão de todas essas situações tem na máquina, ou melhor, na Revolução Industrial, seu ponto de partida.

Para terminar, como modelo científico de análise da sociedade capitalista, indicaria o capítulo intitulado "A Maquinaria" dos Princípios de Economia Política e Tributação de D. Ricardo.



<https://icgilbertoluizalves.com.br>